

# Os documentos cartoriais na história da Farmácia e das Ciências da Saúde<sup>1</sup>

*The notarial documents in the history of Pharmacy and Health Sciences*

Betânia Gonçalves Figueiredo<sup>2</sup>  
Deyse Marinho de Abreu<sup>3</sup>

---

**Resumo:** Tem sido cada vez mais comum a utilização de documentos cartoriais para a investigação de temáticas da área da história econômica, social e cultural. Entretanto, algumas destas fontes têm se mostrado também relevantes para os estudos da história das ciências da saúde. Os inventários, as contas testamentárias e avaliações de bens de médicos, boticários, práticos da saúde e de moribundos da região de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX, apresentam uma gama de informações referentes aos equipamentos, livros, fórmulas e medicamentos. Tais fontes podem indicar como era o trabalho do farmacêutico, o conhecimento sobre a ciência e as práticas de cura do período. Este artigo faz um levantamento daquilo que é encontrado nestes documentos e demonstra a possibilidade de uso para a contribuição nos estudos da história da farmácia e das ciências da saúde, ao abrir sendas para novas visões e objetos de pesquisa, mas, sobretudo, ao permitir conhecer os saberes de cura e o espaço de boticas.

**Palavras-Chave:** Documentos cartoriais, Boticas/farmácias, saberes e práticas de cura, História das ciências da saúde

**Abstract:** *Has been increasingly common to use notarial documents for the investigation of the thematic area of economic history, social and cultural. However,*

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultante de análises parciais do projeto de pesquisa, em andamento, “Grupos emergentes: História das Ciências e Práticas de Saúde nos séculos XVIII e XIX – Brasil”, financiado pela Fapemig. O artigo ainda contém dados obtidos durante a pesquisa de mestrado de Deyse Marinho de Abreu, sob a orientação de Betânia Gonçalves Figueiredo, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG, que deu origem à dissertação intitulada “*Arte boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX*”.

<sup>2</sup> Professora do Departamento e da Pós-graduação em História. Pós-Doutora Sênior CNPq. Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço eletrônico: beta@ufmg.br

<sup>3</sup> Mestre em História. Historiadora e bolsista Fapemig. Scientia & Technica – Grupo de Teoria e História da Ciência e da Técnica-Fafich/UFMG. Endereço eletrônico: admhis@ufmg.br

*some of these sources have proved to be also relevant for studies of the history of health sciences. Inventories, accounts and testamentary property assessments from doctors, pharmacists, practical health and dying in the region of Minas Gerais in the eighteenth and nineteenth centuries, feature a range of information relating to equipment, books and medicines. Such sources can demonstrate how it was the work of the pharmacist, the knowledge about the science and practice of healing period. This article is a survey of what is found in these documents and demonstrates the possibility to use for assistance in studies of the history of pharmacy and health sciences, opening paths to new insights and research subjects, but mainly to allow understanding the knowledge of healing and the area of pharmacies.*

**Key-words:** *Notarial documents; pharmacies; knowledge and healing practices, history of health science*

---

## Os documentos cartoriais e possibilidades de uso

Inventários, avaliações de bens, contas testamentárias, documentos estes de natureza jurídico-civil e originários de cartórios têm se mostrado relevantes para os estudos da história das ciências da saúde em Minas Gerais. Fontes de ordem tal podem, facilmente, ser encontradas em arquivos históricos como, por exemplo, o da Casa Borba Gato/Museu do Ouro em Sabará, da Casa Setecentista de Mariana, da Casa do Pilar em Ouro Preto e do Arquivo do Museu Histórico de Pará de Minas/MUSPAM.

Os inventários *post mortem* são documentos processuais que fazem um levantamento dos bens e dívidas dos indivíduos após seu falecimento. De acordo com o vocabulário jurídico, o inventário, no sentido do Direito Civil e do Direito Processual, é entendido como

*ação especial, intentada para que se arrecadem todos os bens e direitos do de cujus, quer os que se encontravam em seu poder, quando de sua morte, ou em poder de outrem, desde que lhe pertençam, para que se forme o balanço acerca desses mesmos bens e das obrigações e encargos ao mesmo atribuídos (Silva, 2006, p.773).*

Assim sendo, tais fontes constituem-se em ricos registros para o estudo da terapêutica e dos saberes de médicos, boticários e práticos de cura sobre a ciência do período. Por descreverem com riqueza de detalhes tan-

tos bens, elas permitem conhecer o vasto repertório de remédios e substâncias disponível em determinada época e região, bem como os artefatos destinados à manipulação e à terapêutica. Possibilitam ainda verificar o tipo de literatura farmacêutica e médica na qual tantos práticos e profissionais da área da saúde se embasavam.

Estes vestígios cartoriais também permitem um estudo comparativo entre as diferentes boticas instaladas na região de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. A análise comparativa de inventários de mesmo período possibilita perceber em que medida as boticas e terapêuticas se pareciam ou se diferenciavam. Qual delas se apresentava com maior sortimento de medicamentos e produtos. O método da comparação destas fontes, de distintos marcos temporais, pode atestar mudanças e permanências tanto nas técnicas de se preparar remédios como nas concepções de lidar com o corpo e a cura. Estas alterações estarão sempre pautadas no desenvolvimento das ciências da saúde ao longo dos setecentos e oitocentos. Sendo assim, é ainda possível, através desta singular documentação, verificar o acompanhamento, por parte dos agentes de saúde, das transformações no campo farmacêutico e médico.

### **Dentro das boticas das minas: os ingredientes e medicamentos**

O inventário de Antônio Pereira Ferreira, datado de 1798, informa com riqueza de detalhes o sortimento de sua botica, estabelecida à Rua Direita em Vila Rica. Esta minuciosa descrição não é diferente das avaliações de bens dos boticários Vicente Leal da Silva, na década de 1730, do Capitão Antônio de Mattos Pereira em 1749 no Arraial de Piranga na Vila de Mariana, do Capitão Mar e Guerra Jorge Francisco Leão em 1832, de Dinis Antônio Barbosa em 1856, de João da Matta Xavier em 1884 em Sabará, dentre outros<sup>4</sup>.

Mediante a descrição dos bens de uma botica, arrolados nos inventários ou simplesmente na avaliação de bens, quando se apresentavam enquanto documentos avulsos ao inventário, é possível supor que as boticas podiam ser divididas em dois espaços. O primeiro era o ambiente ex-

---

<sup>4</sup> A referência completa dos documentos cartoriais se encontra nas Referências Documentais, página 13, deste artigo.

terno, no qual ficavam a armação da botica com suas prateleiras e balcão vidrados com os remédios expostos para a venda e os clientes. O segundo espaço era o local destinado à manipulação dos medicamentos, onde se reuniam as mesas, banquinhos e banquetas, os instrumentos, aparelhos, os ingredientes destinados à produção medicamentosa.

O inventário de Antônio de Mattos Pereira anuncia que seu estabelecimento continha duas mesas armadas, dois banquinhos e uma armação da botica. O estabelecimento de Francisco Leão possuía armações de botica e uma mesa. O arrolamento dos bens de Romualdo José de Macedo Broxado, com farmácia situada no Arraial de Contagem, Comarca de Sabará, em 1872, informa que existia, em seu recinto, uma armação de botica, mais prateleiras, balcão e prateleiras de dentro. Dinis Antonio Barbosa detinha, além destes, uma banqueteta.

Estes documentos cartoriais informam que tais estabelecimentos possuíam, além das substâncias e medicamentos, vidros, vasilhames, frascos, panelas necessárias à produção de remédios, farmacopéias e demais compêndios de apoio ao ofício, de autoria de cirurgiões, físicos, médicos e boticários. Todavia, para compreender o universo deste espaço é ainda importante investigar os bens materiais a partir de outras fontes como os manuais de farmácia e de medicina, também mencionados na lista dos bens inventariados.

As receitas de remédios preparadas pelos boticários, cirurgiões e práticos, muitas delas anexadas aos testamentos, deixadas como “Contas testamentárias” aos herdeiros do defunto, são fontes que contribuem de forma ímpar para conhecer a prática de medicar e como eram formulados os medicamentos indicados para a cura nos setecentos e oitocentos. Tais receitas trazem descritivamente os ingredientes disponíveis na época e em determinadas regiões, para curar os diferentes moribundos.

Uma das receitas manipulada pelo boticário João da Matta Xavier, por encomenda do moribundo Camilo Izidoro Vianna, residente em Sabará até o ano de 1846, era possível encontrar Scilla em pó, puaiá em pó, kermes mineral e xarope que daria forma a uma pílula indicada como expectorante. Em outra receita havia unguento basilicão e óleo de Aparício para passar sobre as feridas da pele. O mesmo boticário também preparou pílulas purgantes ao enfermo, à base de calomelanos e extrato de ruibarbo.

Para o pensamento colonial, as causas das doenças poderiam ser agentes internos – fermentação ou excesso de humores – e externos – o

ar viciado, influências de astros, alimentos e pecados. Esta medicina era baseada na harmonia dos quatro humores do corpo que seriam a bile amarela, a melancolia, o sangue e a fleuma (Coelho, 2002). Quando não estavam em equilíbrio perfeito, o indivíduo adoecia. Para que os humores voltassem às mesmas proporções, era preciso retirar o excesso ou repor a falta do humor que provocou o desequilíbrio.

Esta é a teoria dos humores, atribuída a Hipócrates (c. 460 – 377 a.C) e ampliada por Galeno (129 – c. 201 d.C) (Coelho, 2002). Tal linha de pensamento foi a base para os saberes sobre a doença, sobre o corpo e a cura durante a Idade Média e o Renascimento e continuaria exercendo certa influência sobre os saberes de cura do século XVIII e XIX praticados pela população na região das Minas.

Os inventários de boticas do século XVIII arrolam a existência de ingredientes e medicamentos muito ligados a esta concepção humoral de cura, indicando, desta forma, a ciência da saúde disponível na época e apreendida pelos práticos através da transmissão em gerações e por profissionais através da academia.

A botica setecentista de Antônio Pereira Ferreira continha funcho, salsaparrilha, chicória, bardana, tártaro emético, sal de Glauber, Artemísia, losna, catártico, cremor tártaro, coloquintidas, dormideira, terebentina, tamarindos. O estabelecimento de propriedade do Capitão Antônio de Mattos Pereira possuía, além dos componentes supracitados, calomelano, ruibarbo, antimônio, extrato de bardana e de colchico, mirra, dentre outros. Estas substâncias eram utilizadas para alterar, moderar e evacuar os fluidos do corpo, tendo então propriedades diuréticas, purgantes, sudoríficas, expectorantes e vomitivas que buscavam equilibrar os humores.

Com relação a esta questão, é possível, por meio dos inventários, comparar a tipologia de medicamentos das boticas do século XVIII com as do século XIX e observar as mudanças e permanências nos saberes e práticas. Os estabelecimentos de boticários oitocentistas apresentavam-se munidos dos ingredientes anteriormente mencionados, mas a utilização dos mesmos nas preparações medicamentosas era, muitas vezes, pautada em manuais de medicina e farmácia que se orientavam pelas novas teorias científicas da época.

Os médicos e profissionais acadêmicos do período voltavam seus estudos cada vez mais para os princípios climático-telúricos, higienistas e anatomoclínicos em substituição à teoria dos humores. Esta medicina que an-

tes entendia a enfermidade como a desorganização dos humores corporais começou, com o desenvolvimento dos estudos deste campo, a identificar a moléstia através das alterações visíveis no tecido do corpo humano (Abreu, 2006). Isto foi provocando uma transformação nas concepções de cura dos profissionais e práticos da saúde ao lhe dar com o corpo e a doença e, por sua vez, foi sendo refletida nas práticas farmacêuticas. Esta modificação poderia certamente ser visualizada no acervo destes estabelecimentos farmacêuticos.

É muito comum encontrar, nos inventários setecentistas, como o de Antônio Pereira Ferreira e do Capitão Antônio de Mattos Pereira, uma variedade de substâncias provenientes do reino animal. Assim, as boticas estavam sortidas de olhos de caranguejos, pós e sais de víboras, castóreo, banha humana, pontas de veado, âmbar, cantáridas, lixo de lagarto, almíscar, carmim de cochonilha, dentes de javali, aljôfar barroco, sal de leite, nácar de pingos finos e ordinário, pedra bazar ocidental, múmias de animais, unha de gran besta, mandíbulas lucis, milepedes, dentre outros.

Nos estabelecimentos farmacêuticos do século XIX é possível verificar a existência de alguns destes ingredientes, o que evidencia a permanência da prática de saberes herdados dos séculos anteriores. Entretanto, pode-se perceber uma considerável redução dos mesmos nestas boticas e na preparação de remédios. A banha ou óleo humano, por exemplo, está presente no inventário do falecido boticário Romualdo José de Macedo Broxado, que tinha botica estabelecida em Sabará em 1872.

No período setecentista, recomendava-se o “óleo humano ou óleo feito do unto do homem que tinha morrido esquartejado, ou sem frio e sem febre”, a fim de tratar as manchas da pele causadas pela varíola. A banha humana foi usada ainda para desfazer cicatrizes do rosto e das mãos, bem como ainda empregada para estimular o nascimento em pessoas calvas (Ferreira, 2002). Em manuais de medicina da segunda metade do século XIX este ingrediente nem é citado, indicando que já estava excluído das práticas da época (Chernoviz, 1878).

No inventário da botica de Antonio José de Mello na Vila de Pará de Minas em 1862 era possível adquirir óleo de caranguejos. Outra substância de origem animal encontrada, na botica de Romualdo José de Macedo Broxado, foi o sebo de cabrito e o óleo de minhocas. Este, no período colonial era usado nos casos de deslocamento do ombro e do quadril, para molificar as partes inchadas e facilitar a colocação do osso em seu local (Ferreira, 2002, p.453).

A diminuição da presença de tais elementos nos inventários das boticas está muito ligada às concepções que emergiam na Europa do final do século XVIII e foi sendo disseminada no Império brasileiro no decorrer do XIX. Tais correntes de pensamento relacionavam os produtos de origem animal ao imundo, ao sujo, ao podre e à doença (Corbin, 1987). Estas substâncias, muitas vezes consideradas excrementos e produtos pútridos, iam contra a concepção higienista que a nova geração de médicos levantava como bandeira. Desta forma, muitos produtos animais foram, aos poucos, deixando de fazer parte da lista de substâncias das boticas e, conseqüentemente, da preparação de remédios (Abreu, 2006).

Os inventários dos farmacêuticos setecentistas também relacionam substâncias de origem africana e do Oriente como mirra, benjoim, pimenta da Índia, almíscar, canela, noz moscada, sândalo, também disponíveis nos inventários oitocentistas. Com ingredientes de origens tais, era possível produzir panacéias como o Bálsamo Católico, encontrado na botica de Antônio de Mattos Pereira, indicado como antídoto para a gangrena (Furtado, 2005). Este mesmo medicamento também poderia ser adquirido na botica oitocentista de Romualdo Broxado.

E no tocante a panacéias, foram várias as triagas disponíveis nos estabelecimentos dos séculos XVIII e XIX, como atestam os arrolamentos setecentistas das boticas de Antônio Pereira Ferreira e Antônio de Mattos Pereira, e oitocentistas de Dinis Antônio Barbosa e de Candido Augusto da Rocha Cebollas, na cidade de Sabará de 1877. Estes medicamentos se apresentam com distintas nomações nos diferentes inventários. Eles podiam aparecer como *Triaga magna*, *Triaga de Lisboa* e simplesmente *Triagas*. Contudo, cabe ressaltar que no século XIX esse medicamento não tinha uma associação com panacéia ou antídoto universal como em épocas anteriores, pelo menos para a medicina acadêmica. Manuais de medicina da época informam que a triaga era raramente empregada e que os médicos já não a prescreviam mais (Chernoviz, 1878), embora ainda estivessem disponíveis nas boticas oitocentistas da província mineira.

Antídotos como as pedras bezoares ou os bezoarticos, como os de Curvo, eram, além de famosos, comuns às boticas dos setecentos e poderia ser adquirido, por exemplo, na botica de Antônio de Mattos Pereira.

O receituário indicado e os inventários de boticas também podem demonstrar que boticários, médicos e práticos de cura acompanhavam o desenvolvimento da ciência de produzir medicamentos e de medicar. Tais

fontes atestam a grande presença de remédios desenvolvidos sob a nova luz das ciências oitocentistas e de produtos afamados na Europa, ainda ligados a uma concepção de cura voltada para o equilíbrio dos humores.

Na botica de Dinis Antônio Barbosa, de 1856, foram encontrados anestésicos como o clorofórmio e o éter sulfúrico. Estas substâncias eram consideradas por alguns como as melhores descobertas do século XIX, trazendo muitos benefícios e alívio a quem era submetido a cirurgias. O clorofórmio chegou ao Brasil em 1848 e em menos de 8 anos já fazia parte do estoque medicamentoso da região de Sabará, indicando que boticários da localidade acompanhavam as novidades vindas do exterior (Abreu, 2006).

Na farmácia de Candido Augusto da Rocha Cebollas estava disponível o Purgante Le Roy do segundo grau e uma garrafinha do Le Roy francês, enquanto que na botica do Romualdo Broxado era possível encontrar o mesmo purgante, porém do terceiro e quarto graus. A fama deste medicamento, bem como de outros com o intuito de eliminar os fluidos do corpo foi aguçada pelas propagandas impressas na época, como as do Almanak Laemmert, importante veículo de divulgação de novidades parisienses e brasileiras no Império, inclusive de remédios e utensílios terapêuticos. Ao ter contato com anúncios de remédios famosos, boticários de todo o Império recorriam à Corte para abastecer suas boticas.

Outros produtos famosos também estavam arrolados nos inventários dos boticários oitocentistas como o Vomitório de Le Roy na botica de Romualdo Broxado e Candido Cebollas, os purgantes Grãos de Saúde de Franck e as anti-sifilíticas Pílulas Vegetais ou Populares encontradas na botica de Antônio Dinis Barbosa. Na botica de Candido Cebollas estavam disponíveis os Pós de ipecacuanha compostos, conhecidos também como Pós Sudoríficos de Dower, que adquiriu grande reputação desde sua formulação nos setecentos por sua propriedade diaforética. Esse medicamento foi elaborado por um médico conhecido como Thomas Dower, que ao sofrer de tosses secas, preparou uma mistura em pó de ipecacuanha com ópio (Weatherall, 2001).

O óleo de fígado de bacalhau, vendido até mesmo na atualidade, poderia ser adquirido nos estabelecimentos de Romualdo Broxado, Dinis Barbosa, de Candido Cebollas e de Antonio José de Mello. Na botica de Romualdo Broxado foi encontrada uma garrafa do “poderoso diurético” Xarope de Labelonye, também anunciado no caderno Anúncios de



Pariz do Almanak Laemmert de 1860. O Rob de Laffecteur e as Pílulas Depurativas do Doutor Allan estavam presentes nos estabelecimentos de Romualdo Broxado e Candido Cebollas.

Produtos indicados aos cuidados bucais também estavam listados nos inventários das boticas. Esta presença indica a preocupação com a saúde e preservação dos dentes no período, também propagada por anúncios de almanaques e jornais. As pastilhas de carvão vegetal de Belloc, por exemplo, poderiam ser adquiridas na botica de Romualdo Broxado. Além delas, havia as pastilhas de hortelã, as de óleo essencial de hortelã pimenta e as de cato que, ao mesmo tempo em que consolidavam os dentes, combatiam o mau hálito (Chernoviz, 1878).

Outra célebre fórmula, recomendada para mau hálito, para a desinfecção de feridas e de locais, poderia ser adquirida na farmácia de Candido Cebollas. Era a Água de Labarraque, desenvolvida no decorrer da década de 1820 pelo farmacêutico francês de mesmo nome. Este produto consistia em um licor clorinado e foi muito utilizado para destruir os ares fétidos de hospitais (Chernoviz, 1878 e 1879; CORBIN, 1987).

### **Dentro das boticas das minas: as farmacopéias e manuais de medicina**

Era comum a presença de manuais de farmácia e compêndios médicos nos estabelecimentos farmacêuticos dos séculos XVIII e XIX. Eram eles que forneciam o suporte teórico-técnico aos práticos de cura e reforçavam os conhecimentos adquiridos pelos profissionais nas academias de medicina e farmácia do período.

A quantidade de farmacêuticos, médicos e demais pessoas que trabalhavam na área de curar com diplomas era muito restrito à época e, por sua vez, o acesso da população a eles era mínima. Desta forma, para preencher esta lacuna, foram vários os personagens que atuaram neste campo baseando sua prática nos conhecimentos advindos de antigas gerações e, sobretudo, com o apoio dos livros de farmácia e medicina disponíveis no momento.

O inventário da botica de Antônio Pereira Ferreira, de 1798, apresenta uma variedade destes compêndios como a Pharmacopeia extemporânea, Pharmacopeia dogmática, Pharmacopeia, Polianteia do Curvo, Medicina de Lieutaud, Medicina Luzitana de Mirandela, Maliere, Medical deliente, Connaissances des medicaments, Observações da medici-

na, Almeida de cirurgia, Istoría das plantas. O arrolamento dos bens do estabelecimento de Antonio de Mattos Pereira menciona apenas que ele possuía cinco livros da área.

Na botica de Jorge Leão, de 1832, havia uma Farmacopéia de Londres. Entre os livros retirados dos inventários de boticários entre as décadas de 1850 a 1880 podem ser mencionados o Código Farmacêutico Lusitano, Dicionario de Medicina Popular de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, Dicionario de Medicina Doméstica e Popular de Theodoro Langgaard, Dicionario de Plantas Mediciniais Brasileiras (cujo título sugere ser do autor Nicolau Moreira), Elementos de Botânica Geral e Médica (que poderia ser de autoria de Joaquim Caminhoá), Formulario e Guia Médico de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, Formulario de Ildefonso Gomes, Manual de Moléstias dos Olhos, Nouveau Formulaire Magistral de Apollinaire Bouchardat, Novo Formulário Médico e Farmacêutico ou Vademecum do Medicum de Theodoro Langgaard, Pharmacopée universelle de Antoine Jourdan, Traité de Matière medicale et de Thérapeutique de François Foy, Traité de Pharmacie de Soubeiran.

A presença, nestes documentos cartoriais, de farmacopéias e literaturas médicas de proveniência estrangeira pode indicar o perfil do leitor, com uma preocupação em estar a par das novidades do campo da ciência na qual está atuando e obter os conhecimentos desenvolvidos por autores e instituições renomadas no campo da farmácia e medicina. Ademais, a partir da segunda metade do século XIX, muitos destes manuais passaram a ser de presença obrigatória nas farmácias, segundo o Regulamento da Junta Central de Higiene Pública, o que pode sugerir que estes boticários tendiam em seguir as normas exigidas pelos órgãos de legislação de seu tempo.

O repertório de títulos, autores e quantidade variava de botica para botica. Por exemplo, na botica de Dinis Barbosa, 1856, havia um formulário da autoria de Foy, um formulário de Chernoviz e onze livros de farmácia sem a descrição de seus títulos e respectivos autores. No recinto farmacêutico do Romualdo Broxado, de 1872, havia 19 livros de Farmácia. Entre os formulários exigidos pelo Regulamento da Junta Central ele detinha os de autoria de Foy, de Bouchardat, de Jourdan e os códigos farmacêuticos lusitanos. Esse boticário ainda possuía muitos livros que não eram exigidos pela Junta Central de 1852 como os formulários de Mealhe, que foi professor associado à Faculdade de Medicina de Paris e farmacêutico do Imperador francês (Almanak, 1859) e os de Langgaard e de Chernoviz.

O farmacêutico Cândido Cebollas possuía livros que orientavam sua prática e outros ligados à medicina. Em sua botica, bem como na de Romualdo Broxado, havia um Atlas de Anatomia do Corpo Humano. Sabe-se que um dos atlas correntes no período foi o de autoria do Doutor Bock, lente de Anatomia na Real Universidade de Leipzig, traduzido por Theodoro Langgaard e publicado em 1853. Langgaard foi um médico dinamarquês que chegou ao Brasil em 1842 e que também publicou formulários e dicionários de medicina.

Cândido Cebollas possuía ainda um manual de Anatomia ou Estudo do Organismo do Homem e da Mulher, Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico, cujo título indica ser do autor Jean Baptiste Imbert, Dicionário de Plantas Medicinais, Novo Formulário Geral, Código Farmacêutico, Formulário de Bouchardat e de Langgaard, a Arte obstétrica ou Tratado Completo dos Partos, cujo título sugere ser de Theodoro Langgaard, e na fazenda de seu avô, onde existia uma botica familiar, ele possuía o dicionário e o formulário de Chernoviz.

Compêndios como dos autores Chernoviz e Langgaard assumiram grande importância para a medicina executada pela população no período oitocentista, pois por meio deles havia acesso a um tipo de informação, produzida e sistematizada em espaços acadêmicos, e transformada em linguagem fácil de ser compreendida. A posição dos órgãos reguladores era bastante favorável à utilização de vários destes manuais nas boticas, como atesta o regulamento da Junta Central a partir de 1882 (Abreu, 2006).

### **Dentro das boticas das minas: vasilhames e equipamentos**

Os documentos cartoriais colocam à luz a tipologia e diversidade de instrumentos, maquinários, vasilhames e demais artefatos necessários aos boticários para a formulação e guarda dos medicamentos. Também demonstram a presença de peças destinadas a outros profissionais para a prática da cura. Ademais, expõem ainda uma variedade de componentes disponíveis na época para a venda à população.

A quantidade, tamanho, capacidade, cores, materiais dos vasilhames presentes nas boticas do século XVIII e XIX variavam muito e se apresentavam em grande quantidade. Havia dois tipos de vasos principais utilizados pelos boticários. Uns eram instrumentos que serviam para a

feitura dos remédios e os outros eram aqueles usados para a conservação dos medicamentos. Para a produção dos remédios eram utilizados como vasilhames os almofarizes ou graes, bacias, tachos, os alambiques e a retorta com garrafa para destilar, que era um vaso de vidro, de barro, de porcelana ou metal de forma ovóide (Chernoviz, 1879). Os outros tipos de vasilhames, destinados à conservação eram os potes, boiões, frascos, vidrinhos e garrafas.

Nos inventários de boticas setecentistas, como o de Antônio Pereira Ferreira, de Vicente Leal da Silva e de Antônio de Mattos Pereira, podiam ser encontrados boiões, almofariz de ferro com mão, vidrinhos, frascos e panelas para a produção de conservação dos remédios. Ademais, havia nestes estabelecimentos coadeiras grandes, compridas com duas asas, escoadeiras largas com bico, medidas de libras diversificadas, colheres, espátulas, funis, balanças de prata de variados tamanhos empregados no ofício do farmacêutico.

Para se ter noção da quantidade destes artefatos, na botica de Antônio de Mattos Pereira, por exemplo, havia 31 frascos, 24 vidros grandes e pequenos, 55 garrafas grandes e pequenas; 47 folhas de flandres, 17 bocetas pequenas, 77 boiões e panelas da terra, 23 boiões do Reino, 1 terno de medida menor, 1 alambique, 1 gral pequeno de pedra, 1 balança de meia libra, 2 almofarizes, sendo um pequeno e outro ordinário e 10 tachos pequenos.

Nos estabelecimentos farmacêuticos oitocentistas, a fartura em quantidade e em diversidade de peças poderia ser maior. Foram encontrados copos de graduar, alambiques de cobre, de ferro e de pedra, almofarizes ou graes de mármore, latão, ferro, vidro, porcelana, bronze de diversos tamanhos, boiões. Além de cápsula de porcelana, latas de folhas de flandres, potes, frascos, bacias de prata, de cobre, de ferro, de barro, de vidro, boiões, panelas e tachos de cobre que variavam de acordo com as formas, tamanhos e número.

Na botica de Jorge Leão havia 31 boiões de louça e de pedra, 150 vidros de todos os tamanhos brancos e pretos, medidas de vidro e estanho, vaso de vidro para banhar os olhos e outro para sangrar. Almofarizes de pedra, de vidro e de bronze de diversos tamanhos, 16 latas de folhas de flandres, torno para estender emplastos, espátulas, tigelas de todos os tamanhos para conservar remédios, balanças de diferentes tamanhos ainda faziam parte do conjunto.

Para conservar seus medicamentos, João da Matta Xavier possuía 63 vasos de louças grandes, sendo 32 desses, pintados. Candido Cebollas possuía duzentos e vinte e cinco boiões de barro no tamanho “mindinho” e o Romualdo Broxado possuía cento e seis boiões pequenos e sessenta maiores para unguento. Este boticário detinha ainda um total de oitocentos e nove vidros de diferentes tamanhos, sendo que alguns deles já haviam sido preenchidos com as substâncias medicamentosas. Antônio José de Mello era proprietário de tachos de cobre de diversos tamanhos, boiões, vidros de graduar e garrafas. Estas podiam ser de diferentes cores, para melhor conservação dos remédios e encontradas em centenas nestas boticas.

Outros instrumentos úteis aos farmacêuticos da segunda metade dos oitocentos e listados nas avaliações de bens foram os funis de vidro e louça, as peneiras de cabelo e de metal, o aperta rolhas – que naquela época detinha o formato de um jacaré. Havia ainda as pedras de mármore para pílulas e as de porcelana, que poderiam estender emplastos e unguentos, as espátulas de osso, marfim, aço ou de vidro de diversos tamanhos.

Os documentos cartoriais também arrolam instrumentos de botica e outros destinados à prática médica e à venda para a população em geral. Um dos instrumentos utilizados pelos boticários para realizar suas atividades era o areômetro, que media a densidade de um líquido durante uma operação farmacêutica (Chernoviz, 1879). Tal equipamento podia ser encontrado nas boticas de Candido Cebollas, Romualdo Broxado e Dinis Barbosa.

De acordo com as tabelas da Junta Central, as farmácias dos oitocentos deveriam possuir balanças grandes, balanças granataria, balanças para quilograma, para pesar até cinco centigramas. Os inventários de boticas da região das Minas na época atestam que seus proprietários tendiam a seguir tais normas. Em seus estabelecimentos havia balanças com tipologias, marcos e tamanhos variados. O boticário Candido Cebollas, por exemplo, possuía uma balança granataria e outra romana com seus respectivos ternos de pesos diferentes. Os aparelhos de fazer pílulas também eram comuns às boticas e obrigatórios de acordo com as tabelas da Junta de Higiene (Abreu, 2006).

Alguns equipamentos, incomuns para a época, estavam nestas boticas, como o aparelho gasogênico ou máquina de fazer água gasosa, de propriedade de Romualdo Broxado. A raridade deste em uma botica pode ser explicada pelo fato de a tabela da Junta de Higiene começar a exigi-lo

somente a partir do Regulamento em 1882. Outro equipamento interessante elucidado no inventário é o termômetro, encontrado na farmácia de Candido Cebollas, em 1877. Tal aparelho foi idealizado e introduzido na medicina por volta de 1850 pelo médico alemão Ludwig Traube (Shorter, 2001). O fato de este objeto ter sido aplicado na medicina somente na segunda metade do século XIX, na Europa, pode explicar sua tardia penetração nas boticas da província mineira e na própria tabela do Regulamento da Junta de Higiene, que passa a exigí-lo somente em 1882 (Abreu, 2006). Mesmo assim, um dos boticários da região de Sabará saiu à frente, tomando logo posse da peça, sugerindo que ele se aproximava cada vez mais daquela nova medicina construída e disseminada no período.

Além deste artefato, um dos inventários evidencia a presença de outro utensílio raro, o microscópio, pertencente ao Candido Cebollas, na década de 1870. Esta rara presença pode ser percebida também nas escolas de medicina da Europa, pois o microscópio teria chegado a estas universidades somente por volta de 1840. Tais instrumentos estavam muito vinculados à anatomopatologia como o principal recurso utilizado para se conhecerem as causas de morte nas amostras de tecidos retirados durante as autópsias (Shorter, 2001).

No Império brasileiro não poderia ser diferente, ao acompanharem a chegada desta nova orientação médica, os microscópios, aos poucos, foram sendo acrescentados ao instrumental dos médicos e boticários. Com a Reforma Bom Retiro, de 1854, referente ao ensino de medicina da Faculdade do Rio de Janeiro, foi possível obter apenas um ou dois microscópios destinados às práticas dos alunos, o que sugere, mais uma vez, a raridade destes aparelhos até mesmo nas academias (Edler, et. al, 2001).

Tais instrumentos médicos e farmacêuticos representavam a ciência na medicina do século XIX (Porter, 2001). Para saber manusear estas aparelhagens era necessário um conhecimento específico, um saber especializado, que nem todos possuíam. Os boticários, com ou sem formação em faculdades, iam cada vez mais se distanciando daqueles que possuíam um saber popular ao adquirirem estes objetos e certa *expertise* para manejá-los. Aproximavam-se, dessa forma, da prática e do saber médico mais especializado daquele momento.

Os diversos aparelhos evidenciados nos inventários poderiam, ainda, possuir uma espécie de valor simbólico. Eles representariam as últimas novidades da ciência médica e, sua posse, criaria, diante da população e

dos seus pares, a imagem de um profissional que acompanhava com proximidade o desenvolvimento médico e farmacêutico do período. Além dos manuais, a presença de um instrumental diversificado, que era um indicativo de inovação, diferenciava os boticários de seus próprios concorrentes e os aproximava dos médicos e da anatomoclínica, o que modificava, de forma nítida, seu *status*.

Os inventários também listam produtos que poderiam ser vendidos a outros atuantes nas artes da cura e à população em geral. Como exemplo as seringas, encontradas em diferentes tamanhos, materiais e fins. Elas poderiam ser de vidro, de borracha e de chumbo e serem utilizadas para clisteres e injeções. Na botica do Romualdo Broxado havia três caixas de seringas, mais três seringas de vidro para uretras enquanto que na de Candido Cebollas foram encontradas vinte e quatro seringas de borracha preta, mais quatro de vidros de tamanhos distintos.

As ventosas, também disponíveis nestes locais, faziam um vácuo na superfície da pele para atrair o sangue ao lugar onde era aplicado. Havia ventosas de diferentes espécies como a de borracha, de chumbo, de vidro e as sarjadas. Estas últimas retiravam certa quantidade de sangue do corpo através de incisões com lancetas ou navalhas. Após a perfuração a ventosa era recolocada na região até que o sangue escorresse por seu interior (Abreu, 2006). Estes instrumentos indicam a herança da prática de eliminação de fluidos do corpo, bem típica do pensamento humoral.

Fundas e pessarios eram dois tipos de peças terapêuticas destinadas à venda para a população em geral. As primeiras eram empregadas nas hérnias e podiam ser simples, para apenas uma das virilhas, ou duplas. Na botica de Romualdo Broxado havia quatro pares de fundas duplas enquanto que no estabelecimento de Candido Cebollas havia apenas simples. Os pessarios eram aparelhos destinados a manterem o útero em seu estado natural quando ocorria relaxamento. Na farmácia de Romualdo Broxado havia cinco pessarios.

Nas boticas da região de Minas ainda estavam à venda os anéis e colares elétricos. Na segunda metade do século XIX a eletricidade era um dos recursos aplicados à terapêutica no Império. Seu uso medicinal ocorreu na forma de correntes voltaicas e de indução. Conforme apontam os anúncios de Paris do Almanak Laemmert de 1867, os anéis elétricos eram constituídos de pilhas voltaicas e indicadas contra moléstias como enxaquecas, nevralgias, congestões, câimbras e hemorróidas. O colar elétrico era desti-

nado aos cuidados dos bebês e deveria ser colocado no pescoço como preservativos contra as convulsões e para ajudar na dentição. Estes aparelhos poderiam, por exemplo, ser adquiridos na farmácia do Boticário Broxado.

### Considerações Finais

Diante do exposto anteriormente, pode-se notar a riqueza de detalhes e informações que documentos cartoriais trazem e a possibilidade de utilizá-los para se ter conhecimento das práticas farmacêuticas e de medicar nos séculos XVIII e XIX.

Inventários, avaliações de bens de boticários e contas testamentárias da Província de Minas possibilitam verificar inúmeros instrumentos, utensílios, substâncias medicamentosas diversificadas, objetos terapêuticos e literaturas diferenciadas que indicam como era o estabelecimento farmacêutico no período e o que farmacêuticos produziam e vendiam para a cura. É possível verificar os mais variados dispositivos disponíveis à população para cuidar do corpo e, sobretudo, conhecer as teorias científicas existentes em determinados locais e períodos que orientavam as práticas de boticários e médicos. Assim sendo, os documentos cartoriais constituem-se em legados importantes dos profissionais e práticos de saúde dos séculos anteriores que podem contribuir de maneira ímpar para os estudos da História da Farmácia e das Ciências da Saúde.

### Referências Bibliográficas:

- Abreu, DM. *Arte boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da Comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX*. Dissertação de Mestrado– Fafich/UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- Bock, CE. *Atlas Completo da Anatomia do Corpo Humano*. Tradução Theodoro Langgaard. RJ: Eduardo e Henrique Laemmert, 1853.
- Chernoviz, PLN. *Diccionario de Medicina Popular e das ciencias acessorias*. 5ª edição. Pariz: Em Casa do Autor, 1878. vol. 1 e 2.
- Chernoviz, PLN. *Formulário e Guia médico*. 10ª edição. Pariz: Roger & Chernoviz, 1879.
- Coelho, RS. O Erário Mineral divertido e curioso. In: FERREIRA, LG.; FURTADO, JF. (org.) *Erário Mineral*. RJ: FIOCRUZ, 2002. p.156-157.



- Corbin, A. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. SP: Cia das Letras, 1987. p. 270-275.
- Edler, FC; Ferreira, LO; Fonseca & MRF da. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, MAM. *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- Ferreira, LG. *Erário Mineral*. FURTADO, J. F(Org) – BH: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; RJ: FIOCRUZ, 2002. Vol.1 e 2
- Figueiredo, BG. As farmácias no século XIX em Minas Gerais. In: STARLING, Heloísa M.M; GERMANO, Lígia B.P.; SCHIMIDT, Paulo (orgs.). *Farmácia: ofício & história*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais, 2005. p.15-62.
- Furtado, JF. Boticários e boticas nas Minas do Ouro. In: STARLING, Heloísa M.M; GERMANO, Lígia B.P.; SCHIMIDT, Paulo (orgs.). *Farmácia: ofício & história*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais, 2005. p.63-104.
- Porter, R. O que é doença? IN: PORTER, R. Cambridge – *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001.
- Shorter, E. Cuidados Primários. In: PORTER, R. Cambridge – *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001.
- Silva, De Plácido. *Vocabulário jurídico*. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- Weatherall, M. Tratamento por drogas e surgimento da Farmacologia. In: PORTER, R. Cambridge – *Historia Ilustrada da Medicina*. RJ: Livraria e Editora Revinter, 2001.

## Documentais

Inventários, avaliação de bens e contas testamentárias:

Almeida, José Custódio. CPOI(08)793 – AHBG/MO, 1793.

Andrade, José Maria. CPON.I(36)846 – AHBG/MO, 1876.

Barbosa, Dinis Antônio. CPON.I (25) 694 – AHBG/MO, 1856.

Brochado, Romualdo José de Macedo. CPO.I(34) 823 – AHBG/MO, 1872.

Cebollas, Cândido Augusto da Rocha. CPON.I (34) 856 – AHBG/MO, 1877.

Ferreira, Antônio Pereira. Caixa 7118, nº8384, AN,1798.

- Leão, Jorge Francisco. CSO – I (64)2 (ant.). AHBG/MO, 1833.  
Macedo, Manoel Alves de. CPO/CTT(03), AHBG/MO, 1855.  
Marques, Ladislão Benevenuto. AB/OB/ AHBG/MO, 1877.  
Mello, Antonio José de. 2289. I.FFPN-MUSPAM. 1862.  
Pereira, Antônio de Mattos. 1º ofício. Códice 71. Auto 1511. CSM, 1749.  
Silva, Vicente Leal da. Códice 137. Auto 1719. MI. AHCP, 1734.  
Vianna, Camilo Izidoro. CPO-CT .Tes(02)26 – AHBG/MO, 1846.  
Xavier, João da Matta. CSO.I, Maço 102 – 1880 – 1889. Fórum da Cidade de Sabará, 1884.

## Eletrônicas

- Anúncios de Pariz. *Almanak Laemmert*, 1850 a 1890. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/almanak>. Acesso em 18/07/2010.
- Flexor, Maria Helena Ochi. *Inventários e testamentos como fontes de pesquisa*. [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Maria\\_Helena\\_Flexor2\\_artigo.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Maria_Helena_Flexor2_artigo.pdf). Acesso em 18/07/2010.

## Regulamentos

- Tabella dos medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensis e livros, organizada em virtude do art. 57 do Regulamento da Junta Central d'hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Império. RJ: Typographia Nacional, 1852. SDE. Rel. 15. JCHP (1851-53). Ofícios e documentos diversos. Fundo: Série saúde. Gabinete do Ministro. Arquivo Nacional.
- Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensilios e livros, organizada, em virtude do art. 56 do Regulamento de 19 de Janeiro de 188, pela Junta de Hygiene Publica para as pharmacias do Império do Brazil. *Decisões do Governo*: N°16 – Em 14 de Setembro de 1882.

Data de recebimento do artigo: 30/06/2010 Data de aprovação: 02/09/2010 Conflito de Interesses: Nenhum declarado Fontes de Financiamento: FAPEMIG – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais.
---